

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**MÉTODO GLOBAL VERSOS MÉTODO PARCIAL;  
QUAL O MAIS EFICIENTE?**

**SERGEI KALINOSKI**

**CURITIBA  
1996**

**SERGEI KALINOSKI**

**MÉTODO GLOBAL VERSOS MÉTODO PARCIAL;  
QUAL O MAIS EFICIENTE?**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do departamento de Educação Física, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. Divoeny Cabral

**CURITIBA  
1996**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha família (mãe e irmão) além da insistente noiva Andréa, que sem ela não teria forças para continuar.

## **AGRADECIMENTOS**

Principalmente a minha orientadora falecida antes mesmo de ter visto este trabalho consumado.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>v</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
1.2 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	2
1.3 JUSTIFICATIVA.....	2
1.4 OBJETIVO.....	3
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>4</b>
<b>4. CONCLUSÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>15</b>

## **RESUMO**

O objetivo deste trabalho foi o de determinar qual o método de ensino mais eficiente para a utilização prática dos professores de educação física: o método global ou método parcial. Constatou-se que tanto o método global como o método parcial, por vezes, atingem objetivos comuns, e que, na maioria das vezes “recomenda-se que se a habilidade exigida é alta em complexidade mas baixa em nível de organização, deve-se usar a prática por partes. Mas, se a habilidade for de complexidade baixa mas de organização elevada, a prática do todo ou da habilidade inteira será a melhor escolha” (MAGILL, 1984, p. 224-225). Portanto, o que determinará a utilização de um dos métodos de ensino, será a avaliação que o professor fará do seu conteúdo, juntamente com o nível de aprendizagem dos seus alunos, para só então concluir se é o método global ou se é o método parcial, que será utilizado nas aulas de educação física ou nos treinamentos desportivos.

## 1. INTRODUÇÃO

A aprendizagem consiste num fator complexo, de forma que os métodos de ensino-aprendizagem a serem aplicados para se atingir os objetivos são vários. No ensino de destrezas motoras os métodos mais utilizados pelos professores de educação física e pelos técnicos desportivos são o método global e o método parcial. Onde, no método global, a atividade é ensinada e aprendida em sua forma completa até o objetivo final desejado; e no método parcial, a atividade é ensinada e aprendida através da prática separada de seus fundamentos.

O professor deve analisar com cuidado cada tipo de destreza, antes de escolher o método mais adequado para ensiná-lo a seus alunos, levando em conta as variáveis que interferem no processo ensino-aprendizagem, como: idade, sexo, desenvolvimento cognitivo e motor, diferenças individuais, experiências anteriores, motivação, etc.

A aplicabilidade do método global ou do método parcial no ensino de atividade esportivas, gera algumas controvérsias. Será que uma tarefa motora deve ser ensinada de uma só vez ou deve ser fracionada para que se atinja resultados mais efetivos? Para CANFIELD (1981), “métodos de ensino sugerem formas organizadas e sistemáticas de criar ambientes de aprendizagem que eficientemente conduzem a resultados favoráveis” (p. 85). Portanto, não partamos sempre do empirismo, deve-se acima de tudo buscar um paralelo entre organização e cientificidade, pois nem sempre somente a prática pela prática gerará frutos.

## 1.1. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

É muito importante o professor atingir os objetivos a que se propõe, escolhendo para o seu trabalho o método de ensino-aprendizagem adequado. Através de várias experiências é que o professor de educação física e o técnico desportivo, obterão uma fórmula que permita realizar da melhor maneira possível o seu trabalho. Esta pesquisa visa mostrar vantagens e desvantagens do ensino através dos métodos global e parcial, para que então estes profissionais utilizem da melhor maneira possível seus conhecimentos, fazendo com que a educação de seus alunos progrida gradativamente, sem tempo perdido na reeducação de movimentos e ou tarefas variadas.

## 1.2. JUSTIFICATIVA

Este estudo tem como justificativa, demonstrar através de uma comparação entre o método global e o método parcial, qual é o mais eficiente, para com isto melhor proporcionar o ensino de uma aula de educação física ou um treinamento desportivo, de qualquer modalidade.

Examinando os prós e os contras de ambos os métodos, os profissionais estarão em melhores condições de resolver qual dos dois métodos é o melhor para o seu propósito de trabalho, e assim, facilitar a aprendizagem de seus alunos ou atletas.

### 1.3. OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é determinar qual o método mais eficiente para o processo ensino-aprendizagem, o método global ou o método parcial.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

Esportes coletivos como futebol, basquetebol, voleibol e handebol, têm sido amplamente praticados nas aulas de educação física em nossas escolas. Entretanto, mesmo sendo difundidos e aceitos, esses jogos obrigam ações de um razoável grau de complexidade para os alunos de 5ª a 8ª séries. Isso não se resume apenas ao que se refere às exigências motoras (gestos específicos como bandeja, cortada, chute a gol), mas também, no referente às exigências táticas (defesa, ataque). Estas exigências e capacidades devem ser adquiridas pelo aluno-jogador, para que este possa participar de atividades da sua faixa etária.

Uma vez admitido que há necessidade de algum tipo de aprendizado para a prática esportiva, os professores devem direcionar as ações no sentido de facilitar o aprendizado do aluno nos aspectos específicos de cada tipo de atividade. Com relação à prática da educação física, percebe-se que no aprendizado desses jogos, como basquetebol, por exemplo, seja em escolas, escolinhas de iniciação esportiva em clubes, as habilidades motoras desenvolvem-se, simples e gradualmente, cada vez mais complexas, até chegarmos à modalidade final de jogo. Observa-se assim, que a criança aprende quase espontaneamente. Porém, percebe-se que, com a orientação dos professores, foram desenvolvidas práticas sistemáticas na tentativa de aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem.

A organização de sistemas de ensino-aprendizagem que regem este trabalho, vem ao encontro às conclusões de ESCOBAR (1987) onde ele demonstra que as mais convencionais sistematizações do ensino do esporte são fundamentadas nos princípios “analítico-sintético” e

“global-funcional”, que, por sua vez, geram os procedimentos metodológicos de ensino, originando o método parcial, no primeiro caso, e o método global ou misto no segundo caso.

Os métodos de ensino em educação física usados atualmente têm origem, principalmente, em outras áreas afins. Através da didática moderna, cada professor, partindo de diretrizes metodológicas seguras e atualizadas, pode e deve organizar seu próprio método. “O bom professor é aquele que está na busca constante de um método de ensino melhor, mais adequado e eficaz; um método que enquadre realisticamente os princípios, as sugestões e as normas flexíveis da moderna técnica de ensino às realidades concretas e imediatas em que se situa o seu trabalho” (HARROW, 1983, p. 200). Assim sendo, não se pode colocar em prática conteúdos, sem ao menos estabelecer parâmetros de dificuldades, ou graus de complexidades. Para MAGILL (1984): “a decisão de praticar uma habilidade motora como um todo ou em partes deve ser feita com base na complexidade e organização da habilidade” (p. 223).

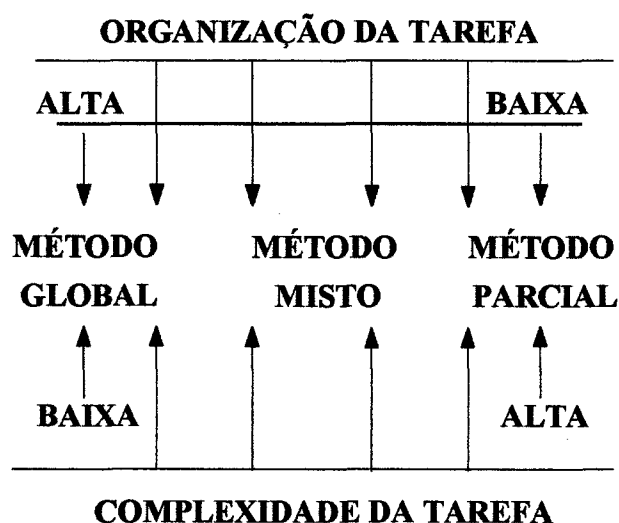
Os professores devem se perguntar como se daria a motivação de seus alunos com a escolha deste ou daquele método, se a preferência seria pela globalidade ou parcialidade, para MAGILL (1984): “praticar a habilidade como um todo parece ajudá-los a sentir melhor o fluxo e o ritmo de todos os movimentos. Mas a prática da habilidade pôr partes dá ênfase ao desempenho de cada parte corretamente antes de formar o conjunto” (p. 223).

Para DAIUTO (1991) não se deve diferenciar o problema da técnica de ensino com o problema da técnica da aprendizagem, pois o processo é o mesmo, e sempre que possível devem ser abordados juntamente. Deve-se isto ao momento em que o professor define exercícios de habilidade com exercícios de fundamentos de determinado esporte, pois a primeira tentativa de realizar um movimento qualquer deve ser feito globalmente, até encontrar uma primeira solução, que será a execução de movimento de nível aceitável. A partir disto, que

a noção do elemento do todo prevalecerá sobre o parcial. Não exigindo assim, atenção redobrada e demasiada a pontos “quebrados”, onde deveria exigir um movimento total.

Estudando movimento por movimento do conteúdo programático de uma determinada escola, um professor pode chegar a conclusão de que o melhor a se fazer é trabalhar por partes, mas MAGILL (1984), sugere duas regras gerais: a primeira é que: “se a habilidade é alta em complexidade mas baixa em nível de organização, deve ser praticada por partes. Mas, se a habilidade for de complexidade baixa mas de organização elevada, a prática do todo ou da habilidade inteira será a melhor escolha” (p. 224-225). Sendo assim, para MAGILL (1984) caso você tenha que ensinar uma atividade simples, mas cujos componentes sejam muito relacionados, o método global será o mais eficiente neste tipo de problema.

**Figura 1. Diagrama mostrando relação entre a organização e a complexidade da tarefa e a decisão de praticar pelo método global, parcial ou misto.**



Fonte: MAGILL (1984, p. 225)

Para exemplo da primeira regra geral, percebe-se que no ensinamento da bandeja, fundamento do basquetebol, deve-se optar pelo método parcial, pois a complexidade da tarefa

é alta, mas a organização é baixa. Já no fundamento toque do voleibol, pode-se ensinar pelo método global, onde a organização da tarefa é alta e a complexidade é baixa.

Depois de tomada a decisão de praticar a habilidade usando o método global ou parcial, MAGILL (1984) descreve o segundo passo a ser tomado, usando a segunda regra geral: “as partes de uma habilidade altamente dependentes entre si devem ser praticadas em conjunto, como uma unidade, mas as partes relativamente independentes podem ser praticadas em separado” (p. 225). Sendo assim, quanto maior for a complexidade do exercício, maiores as partes, deve-se ter mais atenção; quanto menor for a complexidade da tarefa, menos partes envolvidas existirem, menos atenção será necessário existir.

Como é o caso do saque no tênis de campo, onde a dependência entre movimentos não deve ser “quebrada” durante o aprendizado. Mas o aprendizado da dança de salão pode ser dividida, para melhor absorver as partes do conteúdo.

Baseando-se no método global podemos elaborar um modelo de aula dessa concepção: formam-se duas equipes e, com algumas poucas instruções básicas, inicia-se o jogo. O desenvolvimento do jogo segue regras simples, em geral de acordo com as possibilidades do grupo de alunos. As correções necessárias, tais como a execução de um movimento (fundamento) ou uma função tática (contra-atacar), são realizados durante o jogo por meio de instruções verbais: “Não prende a bola”; “Passa”. Observa-se com isto que, a organização e execução deste tipo de aula torna-se um pouco deficitária no que diz respeito aos erros de fundamentos que ocorrerão e que dificilmente serão reeducados, em vista do tipo de correção que está se fazendo no aluno. Coloca-se os alunos diante de situação de jogo, e que como quase sempre apresentam o mesmo nível de habilidades, o jogo ocorre dentro de um padrão compatível com este nível. Quando trabalha-se um desporto até então desconhecido,

defronta-se com movimentos errôneos, pois o objetivo não está claro. “O aprendiz somente poderá apropriar-se do decurso de movimento solicitado quando compreender corretamente a tarefa de movimento. Para isso é necessário que ele conheça e compreenda exatamente o objetivo da ação, a razão do movimento” (MEINEL, 1984, p. 179). Não executar por executar!

A iniciação esportiva dos esportes poderá levar a criança a gostar ou não da modalidade escolhida, isto depende de inúmeras situações, entre elas a motivação. Fazer com que o aluno alcance certos objetivos é o primeiro passo, como descreveu MEINEL (1984) que estabelece que o processo e as condições de atividades devem ser esquematizadas de tal modo que, após algumas tentativas, o educando alcance a execução (quase perfeita), do movimento ensinado, para que isto, ele obtenha respostas sensoriais e cinestésicas necessárias para o melhoramento do programa de ação estabelecido pelo professor.

Outro fator a ser ressaltado é a questão do tempo, no que se refere das condições do aluno em realizar determinadas tarefas,

pois a duração do treinamento depende da dificuldade do movimento a ser aprendido, do nível motor inicial e da disposição do aluno, bem como dos métodos de ensino usados. A primeira tentativa correta já pode surgir após algumas repetições, em outros casos, precisa-se de um tempo maior, neste último caso, a primeira tentativa com sucesso torna-se realmente uma experiência de sucesso fortemente motivadora (MEINEL, 1984, p.187).

Deve-se insistir na repetição, “a repetição monótona não aumenta a aptidão; parece fazer, apenas, com que um desempenho de nível inferior se torne automático. A repetição é necessária, na qual sejam variados os tipos de exercícios e, na medida do possível, existam novidades” (DAIUTO, 1991, p. 47). Além do fator motivação, deve-se questionar outras variáveis, antes de escolher qual método de ensino é o mais eficaz para determinado conteúdo

que queira trabalhar. Para DAIUTO (1991) as crianças sob o ponto de vista físico, possuem características até os 8 anos de idade em que suas mediadas de peso e altura apresentem desenvolvimento é alternado e progressivo; onde a resistência à fadiga, à força muscular e a coordenação de movimentos, onde detectamos a precisão e ritmo, tendem a aumentar gradual e progressivamente. Com relação a velocidade, cresce rapidamente a partir dos 3-4 anos, que equivale a 1/3 da velocidade do adulto, passando para 50% aos 6-7 anos, e decaindo consideravelmente a apenas 10% menos que o adulto, aos 12 anos de idade.

Ligado a este desenvolvimento a relação de um método, seja ele global ou parcial com uma faixa etária, pode ser trabalhado com as seguintes atividades:

exercícios naturais; exercícios de agilidade e de destreza; exercícios construídos, de acordo com o necessário para assegurar o adequado e completo desenvolvimento corporal; exercícios de educação do movimento; provas de capacidade e de eficiência física; com testes; jogos, grandes jogos e formas simples de esportes; competições, limitadas em sua importância, responsabilidade, duração, etc.; trabalhos de ritmo; danças folclóricas; excursões e acampamentos (a partir dos 12 anos) (DAIUTO, 1991, p. 35).

Ao longo da prática destes movimentos, sejam eles educados ou reeducados, poderão exibir-se no método global logo no início da aprendizagem, já que o método global admite algumas vantagens, conforme indica FRANCISCO (1992):

o método global atende às expectativas do aluno querer jogar logo no início; as destrezas exigidas são postas a prova em situação de jogo, isto é, na própria situação a que se destinam; os conhecimentos técnicos e táticos do jogo estão articulados entre si; em situações de jogo, existe uma multidisciplinariedade de experiências; não há necessidade de grandes preparações para o jogo ocorrer. Tanto no que diz respeito às instalações e materiais, quanto às instruções do professor (p. 12).

Em contrapartida, o método global possui algumas ponderações (desvantagens), como afirma FRANCISCO (1992) onde:

o iniciante nem sempre tem sucesso. Dependendo muito de sua experiência técnica e tática anterior, a participação no jogo de forma integral fornece grande número de formações simultaneamente, e o aluno nem sempre é capaz de dar conta de todas elas ao mesmo tempo; é comum o surgimento de vícios, tanto de ordem técnica (fundamentos), quanto de ordem tática (sistema de jogo) (p. 12).

Assim como o método global compõe uma parte da sistematização do conteúdo, seja ele escolar ou desportivo, ESCPOBAR (1987) demonstra que o método global que é altamente difundido no âmbito escolar, especialmente usado como recurso nos treinamentos desportivos de rendimento, é um modelo que supõe um mecanismo de análise do jogo, separando-se por partes, que, reunidas (mais tarde) comporão o jogo-fim.

Trata-se da estratégia de consolidar as destrezas necessárias antes do desenvolvimento do jogo em si. “Os procedimentos de ensino pautam-se basicamente no aprendizado e no treinamento das técnicas (fundamentos) isoladamente, através dos chamados exercícios educativos” (ESCOBAR, 1987, p. 200). De uma maneira geral, o educando deve começar com um todo ou uma parte do todo, mas pelo menos que uma unidade tenha sentido, significado; pois as atividades devem ser ensinadas dentro das capacidades de cada um, no contexto situacional em que serão usados. HARROW (1983) demonstra isto mostrando que: “tem-se evidenciado que as experiências prévias, ou a aprendizagem anterior, determinam uma grande diferença na aprendizagem posterior” (p. 19). Partindo do princípio que tudo deve-se a uma evolução, então porque não evoluir do simples para o complexo, do unitário para o conjunto, do singular para o plural. “A reeducação atual tem uma grande possibilidade de

ajudar o aluno em seu processo evolutivo, proporcionando-lhe atividades motoras organizadas e numa determinada seqüência” (HARROW, 1983, p. 21).

A maior preocupação dos técnicos e professores de educação física deve ser a maneira sequencial escolhida para que o desenvolvimento do aluno evolua corretamente. Nada impede a divisão dos passos para um melhor ensinamento da bandeja, na basquetebol por exemplo, mas desde que evolua concretamente para a execução da bandeja propriamente dita, e não somente o exercício ‘pelo’ exercício. HARROW (1983) aborda este tema descrevendo que “...o professor deve selecionar objetivos relevantes para o domínio da aprendizagem, a estruturar esta aprendizagem de maneira sequencial e qualitativamente” (p. 30). Sendo assim, a escolha do método de ensino é determinado pela matéria a ser ensinada, pela maneira como o professor sente o aluno e pelos objetivos propostos. Ambos os métodos coincidem quando refletem o objetivo final: a execução perfeita de um determinado movimento, por exemplo.

O autor LE BOULCH (1987) comentou o aspecto do produto final, dizendo que:

o processo de aprendizagem encontra sua expressão final na automatização do ato que vai torná-lo quase completamente independente do controle superior, o que implica a fixação de um novo esquema de atividade nervosa para qual a consciência já não deve intervir em sua organização interna (p. 130).

Escolher entre um método ou outro não é tarefa fácil, deve-se estar disposto a testar seu processo de ensino-aprendizagem, ou seja, o professor pode ensinar a atividade num padrão tão grande quanto o aluno possa assimilar, à partir disto somente a experiência prática (resultados concretos) poderá ajudar.

Assim como o método global, o método parcial também possui algumas vantagens; vantagens estas, que faz com que o educando entenda as partes do saber como sendo um subconjunto do padrão geral, onde FRANCISCO (1992) estabelece que os fundamentos são

aprendidos e treinados com profundidade, sempre dentro do padrão técnico; pode-se facilmente aplicar correções e avaliações. As atividades por não corresponderem a realidade de um jogo qualquer, em geral resultam êxito para o aluno iniciante.

Além das vantagens deve-se relatar as desvantagens da utilização do método parcial, como indica FRANCISCO (1992):

as crianças e os adolescentes se interessam pelo jogo em si, mas não se preocupam com seus detalhes técnicos e táticos, o que reduz o nível de interesse pela aula. O ensino se dá individualmente, ou seja, independente das condições próprias do jogo; o jogo não é visto como uma situação dinâmica, coletiva e tensa, que exige tomadas de decisão, de acordo com os recursos técnicos individuais e coletivos. O relacionamento social é baixo nível, pela própria natureza da prática, que exige um grande esforço de liderança para que se obtenha coesão no grupo (p. 157).

Para que um ou outro método aconteça, deve-se, primeiramente, que a seleção ou a elaboração das séries de jogo e exercícios devam respeitar as condições do grupo de alunos. Em segundo lugar, deve-se deixar claro que essa abordagem metodológica exige um planejamento consciente e adequado que garanta a progressividade das experiências e o envolvimento dos alunos com base na importância por eles atribuída as atividades.

#### 4. CONCLUSÃO

A organização das aulas de educação física e treinamentos desportivos leva os profissionais desta área a utilizarem métodos de ensino comum a todos, embora nem sempre condizentes com a realidade do conteúdo trabalhado.

O método global (onde a atividade é ensinada e aprendida em sua forma completa até que se atinja o objetivo final desejado), como o método parcial (onde a atividade é ensinada e aprendida através da prática separada de seus fundamentos), fizeram parte deste estudo, onde o objetivo foi o de determinar qual o método mais eficiente para o processo de ensino-aprendizagem.

Na revisão de literatura deste trabalho, constatou-se que o método de confrontação ou global, parece ser de grande significado para os alunos, desde que estes apresentem condições mínimas para o jogo. Do ponto de vista do professor, o método não exige organizações complexas para que possa dar uma aula. Deve-se, contudo, levar em consideração os aspectos limitantes (desvantagens), para que possa fazer uma ponderação mais apropriada. Em síntese, essa abordagem tem a vantagem de ser bastante motivante, mas em contrapartida, não oferece condições satisfatórias para o desenvolvimento das habilidades requeridas.

Com relação ao método parcial, pode-se admitir que oferece boas condições para o aprendizado dos fundamentos dos esportes coletivos, embora não se pode afirmar que o aluno, dominando um ou mais fundamentos, venha jogar plenamente. Isto porque, em situação de jogo, há tantas exigências que vão há um nível de complexidade tão grande, que o método

parece ser pouco motivante, uma vez que afasta as atividades de aula da proposta de um jogo final.

Feita as devidas comparações entre os dois métodos em questão, concluiu-se que a melhor definição que mostra a relação entre a organização e a complexidade de uma tarefa e a decisão de praticar pelo método global, parcial ou misto, é a de MAGILL (1984) onde ele preconiza que “se a habilidade é alta em complexidade mas baixa em nível de organização, recomenda-se a prática por partes. Mas, se a habilidade for de complexidade baixa mas de organização elevada, a prática do todo ou da habilidade inteira será a melhor escolha” (p. 224-225).

Além da conclusão de MAGILL, deve-se estabelecer que o que determina a eficiência de um ou outro método não é a sua definição, e sim, o caráter prático das experiências provenientes de cada um dos métodos. O que é melhor para um determinado grupo, pode não fazer sentido para outro. Uma modalidade esportiva pode levar vantagens utilizando o método parcial, como outra modalidade pode alcançar o mesmo objetivo final, dependendo única e exclusivamente do método opositor. Portanto, antes de decidir sobre um ou outro método, por isto ou aquilo, vá em frente, teste-os antes, para acertar sempre.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CANFIELD, J. **Aprendizagem motora**. Santa Maria : UFSM, 1981.
2. DAIUTO, Moacir. **Basquete-Metodologia de ensino**. 6. Ed. São Paulo : Hemus, 1991.
3. ESCOBAR, Micheli. **Metodologia esportiva e psicomotricidade**. Recife : Gráfica, 1987.
4. FRANCISCO, Gilmar. **Estudo comparativo entre os métodos global e parcial no aprendizado do saque por cima em voleibol para iniciantes**. Curitiba/PR, 1992. Pós-graduação (Educação Física) - Pontifícia Universidade Católica.
5. HARROW, Anita. **Taxionomia do domínio motor. Manual para elaboração de objetivos comportamentais em educação física**. Rio de Janeiro : Globo, 1983.
6. LE BOULCH, Jean. **Rumo a uma ciência do movimento**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1987.
7. MAGILL, Richard. **Aprendizagem motora: conceitos e aplicações**. São Paulo : Rucher, 1984.
8. MEINEL, Kurt. **Motricidade I. Teoria da motricidade esportiva sob o aspecto pedagógico**. Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico, 1984.